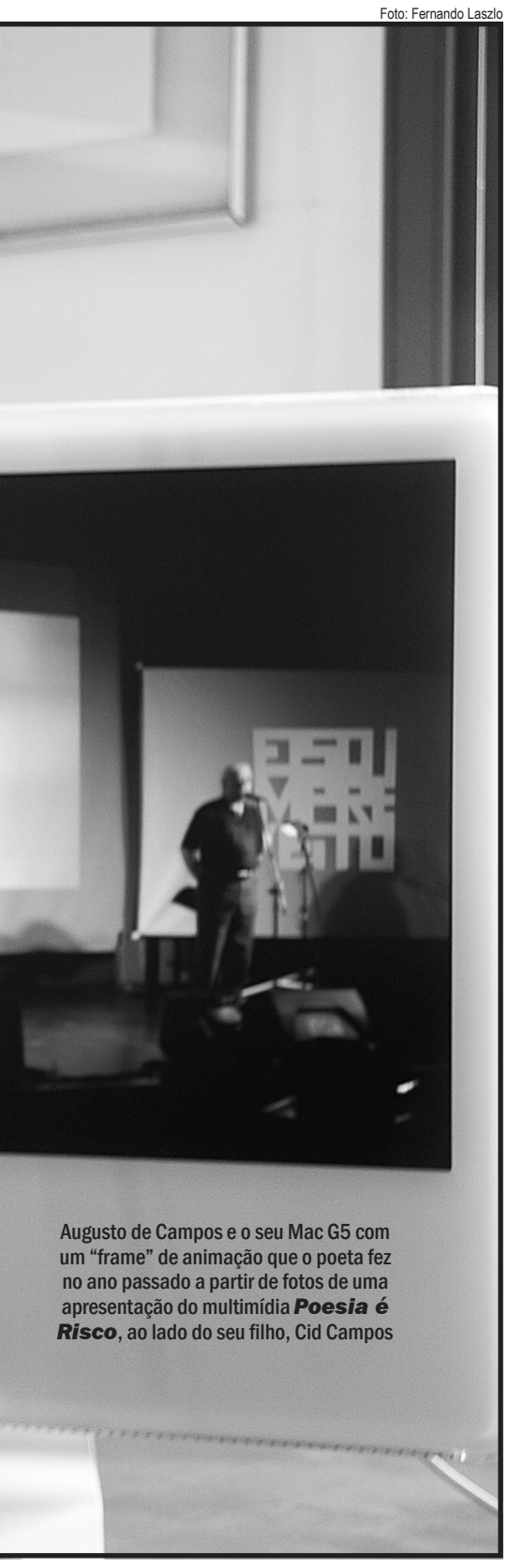
‘Movimentos surgem por necessidade histórica e estética’

Foto: Fernando Laszlo



Augusto de Campos e o seu Mac G5 com um “frame” de animação que o poeta fez no ano passado a partir de fotos de uma apresentação do multimídia ***Poesia é Risco***, ao lado do seu filho, Cid Campos

Foto: Reprodução

A poeta norte-americana Emily Dickinson, cuja obra foi publicada após a sua morte

do presente, da “agoridade”: o que eu chamo “poesia pós-utópica”. São palavras de Haroldo de Campos, ditas em 1996, quando o Plano-Piloto da Poesia Concreta completou meio século. Nessa mesma ocasião o sr. disse numa entrevista a* O Globo*: “A etiqueta “concreto” já não interessa. Interessa é a nova visão de poesia que resultou da sua interferência no processo criativo”. O que exatamente significam essas afirmações: que o Concretismo cumpriu seu papel e virou história literária?

Augusto de Campos – Melhor do que a minha é a afirmação de Décio Pignatari, no seu notável e imprevisível poema “Interessere” (década de 1970): “no concretismo interessa o que não é concretismo”. Não perceberam que desde o princípio dos anos 60 o concretismo já não era o mesmo. Como eu disse certa vez (com todo o respeito a Gomringer), é diferente fazer concretismo na Suíça e no Brasil. Depois que Décio anunciou o “salto participante”, descobri, em um número da revista italiana “L’Europeo”, de 1959, a frase de Maiakóvski: “Sem forma revolucionária não há arte revolucionária”, que passou a integrar o nosso Plano-Piloto, desde 1961.

Pouco adiante, em 1963/64, eu estudava russo com Boris Schnaiderman, na Rua Maria Antonia, principalmente com o objetivo de traduzir o verdadeiro Maiakóvski, não o locutor de palanque, em versões ruins, copiadas, até nos seus erros, da tradução espanhola de Lila Guerrero, mas o poeta oculto, culto e revolucionário também na sua arte. Não se fazem movimentos porque se quer, nem é preciso que se participe de movimentos para ser um poeta digno desse nome. Surgem por necessidade histórica e estética. Depois de um momento de coalescência, cada um toma o seu caminho. Foi o que aconteceu conosco. Décio e Haroldo, com mais lóbo esquerdo do que eu, investiram na logopéia, em que já eram extraordinários antes do Concretismo. Eu, menos escritor, incapaz de criar uma prosa de altíssimo nível como a de Décio (“O Rosto da Memória”. “Panteros”. “Errâncias”) ou uma “proesia” da altura das Galáxias barroconcretas do Haroldo, segui o meu próprio caminho, mais “fanomelopaico”, de acordo com o meu temperamento.

Já contei algumas vezes que, quando éramos crianças, Haroldo, talento precoce, escrevia contos. Eu, um ano-e-meio mais moço, fazia desenhos a partir de histórias-em-quadrinhos. Meu pai, achando graça, mandou fazer um carimbo, “Escritório Irmãos Campos”, com o qual registrávamos as nossas “criações”, que vendíamos às nossas vítimas – os parentes próximos, de preferência os tios. Mais tarde, Oswáld (e não Ôswald como dizem agora horrorosamente) nos deu, em 1949, a Haroldo e a mim, que tinha 18 anos, um dos últimos exemplares da 1ª edição do “Serafim Ponte-Grande”, com a dedicatória: “Aos irmãos Haroldo e Augusto de Campos, firma de poesia”…

Também gostava de música. Uma das lembranças menos obscuras que eu tenho da infância é a de um garoto de 4 ou 5 anos, num canto do jardim, cantando “o orvalho vem caindo / vai molhar o meu chapéu…” Todo mundo achava engraçadinho. Se em vez de harmônica-de-boca (ah! quem me dera ser um Sonny Boy Williamson ou um Toots Thielemans…), tocasse saxofone como Coleman Hopkins e Charlie Parker, ou piano como Art Tatum e Thelonious Monk, provavelmente nunca teria escrito uma linha de poesia. Toquei, amadoristicamente a minha velha gaita, por insistência do meu filho, Cid Campos, na faixa 6 [Flor da Boca] do seu CD independente, *No Lago do Olho*, que vem de ser muito elogiado por Midani.

Cerca de 90% das capas de meus livros, sem contar as capas, folhetos e bolachas dos CD e CDR, meus ou do Cid, foram feitos por mim, e os considero melhores do que muitos dos meus poemas. Não sendo um teórico, no estrito sentido da palavra, como Haroldo, confesso que não sei direito o que é “agoridade”. Quando Haroldo publicou o seu artigo sobre o tema da “pós-modernidade”, coincidiu de sair na mesma época (bons tempos aqueles, do saudoso *Folhetim*!) o meu “Pós-tudo”, que suscitou polêmica, talvez porque pensassem que era uma ilustração do texto do meu “irmão siamesmo”. Diziam, pelas costas, que “os concretistas” tinham tomado conta dos cadernos culturais da *Folha*. Alguém tinha que pagar essa “conta” e eu parecia ser o mais vulnerável dos três. Nem eu conhecia previamente o que Haroldo tinha escrito, nem ele sabia do meu poema… E, como é evidente para quem saiba ler, não tinham o mesmo sentido. Meu irmão era exuberante e otimista. Já se irritava muito quando se referiam a ele como o “poeta concretista” Haroldo de Campos… “Há pelo menos vinte anos não faço mais poesia concreta” — exclamava, sem ser ouvido.

O meu poema, apesar dos “misunderstandings” que despertou, era autocrítico e pessimista, além de pretender ser uma gozação do ecletismo diluente chamado de “pós-moderno”, expressão que tanto encantou os críticos mais atualizados quanto os mais retardados, como Jameson, que não sabiam explicar de forma convincente o que significava. Em arquitetura – claro –fazia sentido. Em literatura, foi uma justificativa muito bem recebida pelos mais conservadores ou mais complacentes, inimigos das “vanguardas”, para darem o seu salto para trás. Recentemente, apareceu no YouTube um “rap” amador de alunos da periferia (quem quiser ver, que acesse <http://uk.youtube.com/watch?v=7mamaqZUaZQ>), na “interpretação livre de james martins e ilu(diamante)MiNA! em ensaio aberto p/ estudantes de letras e amigos”. Sem querer abafar ninguém, foi a melhor crítica que recebeu “that goddamn poem”…

Continua na página **8**

Emily & Augusto

A sepal, petal, and a thorn
Upon a common summers's morn —
A flask of Dew — A Bee or two —
A Breeze — a caper in the trees—
And I'm a Rose!
(c. 1858)

Sépala, pétala e um espinho —
Nesta manhã radiosa —
Gota de Orvalho — Abelhas — Brisa —
Folhas em remoinho —
Sou uma Rosa!

We lose — because we win —
Gamblers — recollecting which
Toss their dice again!
(c. 1858)

Um perde — o outro ganha —
Jogadores jogados —
Lançam de novo os dados!

I'm Nobody! Who are you?
Are you — Nobody — Too?
Then there's a pair of us?
Don't tell! they'd advertise — you know!

How dreary — to be — Somebody!
How public — like a Frog —
To tell one's name — the livelong June —
To an admiring Bog!
(c. 1861)

Não sou Ninguém! Quem é você?
Ninguém — Também?
Então somos um par?
Não conte! Podem espalhar!

Que triste — ser — Alguém!
Que pública — a Fama!
Dizer seu nome — como a Rã —
Para as palmas da Lama!

Some such Butterfly be seen
On Brazilian Pampas —
Just at noon — no later — Sweet —
Then — the License closes —

Some such Spice — express and pass —
Subject to Your Plucking —
As the Stars — You knew last Night —
Foreigners — This Morning —
(c. 1862)

Algumas Borboletas há
Nos Campos do Brasil —
Voam ao meio-dia só —
Depois — cessa o Alvará —

Alguns Aromas — vêm e vão —
À tua Escolha, uma só vez —
Estrelas — que à Noite entrevês —
Estranhas — de Manhã —

Drab Habitation of Whom?
Tabernacle or Tomb —
Or Dome of Worm —
Or Porch of Gnome —
Or some Elf's Catacomb?
(c. 1864)

Mansão malsã de Quem?
Tabernáculo ou Tumba —
Domo de um Verme —
Grota de um Gnomo —
Ou Elfo em Catacumba?